

## A BARCA GLORIOSA DO QUARTO NOVÍSSIMO

MARIA IDALINA RESINA RODRIGUES  
Universidade de Lisboa

### Almeirim, Páscoa, 1519

Nem os vicentistas se inquietam, nem os historiadores protestam: D. Manuel estava mesmo em Almeirim, por certo, naquele aprazível, vasto e luxuoso paço que, por seu desejo e mando, sem regateio de custos e com o respaldo de entendidos (João de Castillo, ele mesmo, por lá deve ter andado), já em pouco faria lembrar a velha residência real levantada, por vontade de D. João I, naquele remoto ano de 1411 <sup>1</sup>.

Nem sempre são assim pacíficas as relações entre os informes da *Copilaçam*, apesar das gralhas, dos deslizes, das malfeitorias estéticas dos organizadores (isto, na opinião de alguns, claro está), o mais completo documento da produção teatral de Gil Vicente entre 1502 e 1536, e os que legitimamente esquadrinham a cronologia dos factos ou julgam da segurança dos textos <sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> D. João I terá talvez acompanhado o início da construção deste Paço das Cortes desde Santarém onde passou os últimos dias de Maio e os meses de Junho e Julho de 1411. Em Janeiro de 1423, já o deve ter habitado. Ver MORENO, Humberto Baquero — *Os Itinerários de el-Rei Dom João I*, Lisboa, 1988, .126 e 357. Além deste, existiram em Almeirim o Paço dos Negros (negros eram os criados) e o Paço dos Frades (ou de Nossa Senhora lia Serra) da Ordem Dominicana. Deles não restam vestígios significativos. Do Paço das Cortes encontra-se no museu local uma gravura do troço que ainda existia no século passado e, segundo notícias muito recentes, pretende-se revalorizar o que ficou do Paço dos Negros. O espanhol João de Castillo entrou em Portugal no começo do século XVI e por aqui deve ter ficado até à data da morte, em 1551, tendo colaborado nas mais importantes construções da época de D. Manuel. Em Almeirim se representaram também, além do *Auto da Fé* (1510), *Dom Duardos* (1522?), *O Juiz da Beira* (1525?), o *Templo de Apoio* (1526) e o *Breve Sumário da História de Deus* (1526? 1527? 1528?).

<sup>2</sup> *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente*, João Álvares. Lisboa, 1562.

Tudo isto porque as notícias, que precedem os autos, apontam muitas vezes para presenças, para datas e para locais cuja conciliação a gente de estudos se recusa a acoitar.

Supúnhamos que contávamos com provas da presença do Venturoso no paço da Ribeira, naquelas festas pascais de há cerca de 477 anos; supúnhamos que o sabíamos impossibilitado de acudir a representações, por muito honestas que tosem; supúnhamos que não era ele mas outra real personagem quem nessa data presidia a cerimónias na simpática vila ribatejana.

Cogitações possíveis, aparentadas com outras que, confirmadas pelas certezas da História, têm gerado os tais desacordos de que falávamos, uns em boa hora resolvidos, outros ainda por resolver.

Possíveis mas desnecessárias, neste caso.

A autenticidade da primeira didascália está confirmada por quem de direito, não vamos nós agora duvidar, só por espírito de contradição.

Por isso repetimos, o *Auto da Barca da Glória* «foi representado ao muito nobre Rei Dom Manoel, o primeiro deste nome, em Almeirim. Era do Redemptor de MDXIX anos»<sup>3</sup>.

E, como o *Auto da Fé*, nove anos antes, também ele arredado de que-relas entre editores antigos e modernos, com toda a probabilidade na capela. Capela deslumbrante, talvez pelas proporções, indubitavelmente pelo recheio, apurado e chamativo na decoração, abundante e apropriado para exigências do culto, a acreditarmos no pasmo daqueles pastores (e os pastores não mentem) que, em 1510, Gil Vicente nela fez entrar para, com os seus despiques e lamúrias, uma vez mais saudavelmente entreter o *respeitável* público.

Estava, pois, D. Manuel e estaria a rainha Dona Leonor de Áustria, sua terceira mulher, da qual, não sabemos porquê, se não faz menção; sua irmã, a rainha velha, espectadora habitual destas festividades, se por aquelas bandas estivesse, não deixaria de ser referida; se me não engano, dela se não falará mais no teatro vicentino.

---

<sup>3</sup> *Auto da Barca da Glória*, edición de Maria Idalina Resina Rodrigues, Castalia, Madrid, 1995, 63. Por esta edição será sempre citado o referido auto: o *Auto da Barca do Inferno* e o *Auto da Alma* também serão citados por edições que tive ocasião de preparar para a editorial Comunicação, Lisboa, 1982 e 1980, respectivamente; para os restantes autos sigo a edição da *Copilaçam de todas as obras de CU Vicente* com introdução e normalização do texto de Maria Leonor Carvalhão Buescu, volume I, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1983 (simplifico em *Copilaçam*). Assim se explica uma relativa e natural divergência de crilérios na transcrição textual. Conservo grafias como Emperador, mesmo no meu texto, por me parecer melhor assegurar assim a proximidade com as características linguísticas dos autos. Mantenho para todos eles os nomes pelos quais tradicionalmente são conhecidos. Omito, nas notas que se seguem, o nome do autor, sempre que se trate de Gil Vicente.

Em Março de 1517, morrera aos trinta e cinco anos a rainha Dona Maria: em Maio de 1518, eslava concluído em Saragoça o novo casamento do monarca com a jovem irmã de Carlos V que muitos pensavam, e com boas razões, ser uma excelente esposa para o príncipe herdeiro.

A soberana entraria em Portugal pelo «ribeiro de Sever», a 23 de Novembro do mesmo ano, ao som de «trompetas, atabales e charamelas» de portugueses e castelhanos<sup>4</sup>.

Confiada pelo duque de Alba ao duque de Bragança, pernoitou em Castelo de Vide, seguindo para o Crato onde conheceu D. Manuel; com viagem por Ponte de Sor e Chamusca, os esposos chegaram felizes a Almeirim, em cujo palácio houve recebimento e beija-mão; acarinhados por toda a corte, ali tiveram ainda «grandes festas, de touros, canas, serões e outros passatempos até o começo do verão», altura em que se foram para Évora<sup>5</sup>.

A peste obriga a evitar a capital, onde a nova rainha só seria apresentada em 1521; Sintra, Colares e Torres Vedras eram poisos habituais nestas circunstâncias, mas é mesmo Almeirim que o monarca prefere: por isso lá está uma vez mais em Abril do ano seguinte.

E assiste à representação da *Barca da Glória*, bem pode ser que lembrado ainda da do *Inferno*, em 1517 (a edição príncipe diz que ele fora espectador, a de 1562 não o cita), e quem sabe se com ecos da do *Purgatório* a que não comparecera exactamente por estar fora de Lisboa no Natal de 1518<sup>6</sup>.

Na Páscoa, já o escrevemos.

Mas em que celebração?

Endoenças, como defendem quantos privilegiam a sua austeridade de Ofício de Defuntos, com a carga litúrgica de tantos versos que o actualizam, sobretudo através das lições, porque os salmos não são muitos e os responsos são apenas alguns?<sup>7</sup>

Ressurreição porque, com a de Cristo, vem o perdão dos pecadores, que as faltas condenariam, apesar das lágrimas e das intercessões?

---

<sup>4</sup> *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel composta por Damião de Góis*, nova edição dirigida por J. M. Teixeira de Carvalho e David Lopes, Imprensa da Universidade. Coimbra. 1926, 76.

<sup>3</sup> *Crónica do Felicíssimo Hei D. Manuel composta por Damião de Góis*, 79.

<sup>6</sup> Aceito como muito possível a data de 1517 para a composição do auto. A edição príncipe a da folha volante que se encontra em Madrid e que habitualmente preferencio, é talvez de 1518.

<sup>7</sup> No texto encontramos ecos das nove lições do Ofício de Defuntos, os responsos começam corri a intervenção do Rei, talvez porque, em *cena*, houvesse já um maior número de figuras para os pronunciarem em coro (isto, apesar de eles serem provavelmente conhecidos dos assistentes); dos salmos, temos ressonâncias dos 63, 66, 69 e 129.

Enquanto se não encerra a questão (e são muitas as questões em aberto em torno de Gil Vicente), façamos a opção a que temos direito, porque ela pode facilitar-nos a reconstituição do longínquo espectáculo em que não estivemos.

Do drama da Paixão, não há como fugir.

A rubrica inicial instaura-o no espaço cénico e na mente de quem para ele se vira: quatro Anjos «trazem cinco remos com as cinco Chagas»<sup>8</sup>; após o diálogo entre o Diabo e a Morte, as figuras dos finados evocarão e invocarão praticamente todos os passos da via-sacra, pela ordem por que os Evangelhos os descrevem e comentam; a didascália intermédia dá-nos conta da «vela em que está o Crucifixo pintado»<sup>9</sup>.

Auto de Endoenças, então?

Talvez não, reparando melhor.

Os Anjos das palavras introdutórias são quatro (mais um que na *Barca do Purgatório*) e entram a cantar (como na *Barca do Purgatório* onde entoam um belo e bem conhecido romance popular); desfavorecido, o Diabo tem um único Companheiro a quem apenas «diz» o que lhe convém dizer<sup>10</sup>; os mortos são perseverantes e acreditam; fazem, aliás, muito bem. porquanto, silenciados os prantos finais, nos é claramente comunicado que «veo Cristo da Ressurreição e repartio por eles os remos das Chagas e os levou consigo»<sup>11</sup>.

A vela com o crucifixo há-de esbater-se, um novo actor entra em cena; ressuscitado. Cristo salva os pecadores, a lembrar-nos, como S. Paulo, que, se ele não ressuscitasse, seria vã a nossa fé.

Auto complementar da liturgia da Aleluia, a seguir-se-lhe imediatamente ou em pleno Domingo de Páscoa, nos parece, pois, este. Auto em que os homens se resgatam, o Diabo se cala e um batel segue para a Glória onde o Senhor regressara depois de muito ter sofrido.

A vida verdadeira depois da morte.

No teatro, evidentemente.

\*  
\*   \*  
\*

E, se de teatro se trata, como naquele improvisado teatro-capela terá sido feito o fingimento?

---

<sup>8</sup> *Auto da Barca da Glória*, 63. Embora a didascália refira quatro anjos, a verdade é que, ao longo do auto, apenas um Anjo interpela as personagens.

<sup>9</sup> *Auto da Barca da Glória*, 98.

<sup>10</sup> *Auto da Barca da Glória*, 63.

<sup>11</sup> *Auto da Barca da Glória*, 100.

Fingimento a sério nos preceitos, fingimento a brincar na invenção de cortejos e de diálogos, de maus e bons modos, dos imprescindíveis tristes começos para os almejados alegres fins.

Ensaaiemos a apresentação dos objectos visíveis e dos costumados tripulantes destes navios porque, de certeza, eles precederam a entrada dos protagonistas.

Sabemos que há duas barcas. Não que a escrita preambular o diga, que ela só alude à nave dos Anjos: dissera-o, no entanto, a da primeira «cena» (a do *Inferno*) na *Copilaçam* de 1562, onde esta (a da *Glória*) é a terceira<sup>12</sup>; sugere-o a indicação da entrada na representação do «Arraiz do Inferno» e do «seu Companheiro» (um arraiz que se preza tem um barco, naturalmente)<sup>13</sup>; confirmam-no, nas falas das personagens, deícticos como «aquele» e «estotra» a anteceder «barco» e «embarcación» do Paraíso, expressões como «larga[...]prancha» e «este batel que veis», na voz do Diabo, ou como «barco tan escuro» de um «barquero desestrado», nas queixas das almas<sup>14</sup>.

Não esperemos, contudo, muitos informes sobre a feição e as diferenças entre as embarcações; o auto esquece atavios, dimensões, movimentos a bordo porque, em 1519, não se trata tanto de divertir e satirizar como de abonar uma lição de misericórdia.

A barca infernal é escura, a outra é «gloriosa» e «santa», «nueva, segura» e nela já nos cruzámos com uma vela da «piedad» alindada por um «Crucifixo pintado» para o qual, por certo, frequentemente se voltam as personagens, em busca de silencioso auxílio<sup>15</sup>.

Aceitamos como provável que Anjo e Diabo se apartem nas fisionomias e nas vestes, embora o texto nos não aconselhe largas à imaginação; aceitamos a má catadura do primeiro ajudado por um «patudo», mas cornos, rabos ou outros apêndices não fazem falta para que esta assistência ilustrada o repudie de imediato<sup>16</sup>; aceitamos ainda a doçura e a beleza do Anjo, desta feita apenas ajudador dos que morreram, sem o rigor do seu parente (ou sem o seu rigor) da *Barca do Inferno* ou despedido do jeito justiceiro de 1518 (seu ou alheio, pouco importa). Anjo tanto mais inocente

---

<sup>12</sup> *Copilaçam*, 254.

<sup>13</sup> *Auto da Barca da Glória*, 63.

<sup>14</sup> *Auto da Barca da Glória*, 66, 68, 66, 95, 88 e 84, respectivamente. Os exemplos multiplicam-se ao longo da obra.

<sup>15</sup> *Avio da Barca da Glória*, 90, 86, 98 e 94, respectivamente. Aproveito para lembrar de imediato que, no *Auto da Fé*, se alude a uma «cruz preciosa, / pèra sempre esclarecida» como objecto de relevo na capela do paço de Almeirim, os pastores reparam nela com algum pasmo, talvez por causa de «aquele hombre / puesto y la color perdida», *Copilaçam*, 76.

<sup>16</sup> *Auto da Barca da Glória*, 63.

quanto, nesta viagem, nem ele mesmo tem a chave do que vai acontecer, ou seja, de que Cristo a todos acorrerá sem antes o ter prevenido <sup>17</sup>.

Imperdoável seria a ignorância da significativa presença dos seus remos, os das «cinco Chagas», instalados no campo da figuração desde a abertura do auto, como se indicou <sup>18</sup>.

Na mira de todos os que chegam ao cais, eles são sempre os «mui preciosos remos», os «remos de gran valor», os «remos maravillosos» daqueles que, sem exceção, os mortais consideram os «remadores de Ias altas hierarchías», os «barqueros gloriosos», os «barqueros dei mar dei ciclo», em suma, os «remadores verdaderos», apesar de ser o Diabo quem, embora menos insistentemente que nas *Barcas* anteriores, lhes propõe que remem no seu barco <sup>19</sup>.

Teria o autor contado com retabulozinhos de uma via-sacra pelas paredes da capela? É possível mas não indispensável porque é fácil visualizar os passos da Paixão, tantas vezes eles nos vêm à mente, a partir das narrativas evangélicas, por obra dos artistas das letras e das artes visuais.

Na escrita aparecem ordenados nas expressões angustiadas dos mortos: a prisão no horto; Pilatos, os açoites e a coroa de espinhos; o *Ecce Hominem*; a cruz e o Calvário; a cruz e as chagas; a grande lançada; a Virgem junto do filho morto; a Virgem e S. João.

Sobre o Paraíso, para onde a caravana partirá no termo da angustiada espera, nenhuma achega nos lega o texto. Nem isso admira: nunca ele é prometido aos penitentes, está compreensivelmente vedado à simbologia das antecipações, deseja-se sem a curiosidade mesquinha de ofertas e prazeres. Diferentemente, bem se expraia o sádico Diabo em apontamentos sobre os seus domínios.

Do Inferno não escasseavam, aliás, naqueles tempos em que com as suas penas era costume alertarem-se os vivos, desenhos e pinturas que corporizavam as ruindades por lá praticadas.

No paço de Almeirim, existiriam algumas de que o nosso dramaturgo bem se poderia aproveitar para sacudir o seu auditório. Aquele «veis» com que tão repetidamente introduz as réplicas atemorizadoras dos pobres defuntos, a menos que discretamente guie para um fora de cena, autoriza-nos a admiti-lo <sup>20</sup>.

Seja como for, não é ele modesto no inventário dos tormentos; se as remissões para os «fuegos», o «fumo expesso» e a altura das «peñas» per-

---

<sup>17</sup> *Auto da Barca da Glória*, 100.

<sup>18</sup> *Auto da Barca da Glória*, 63.

<sup>19</sup> *Auto da Barca da Glória*, 68, 77, 86, 69, 86, 90 e 93, respectivamente.

<sup>20</sup> CARRILHO, Ernestina — *Glória*. Quimera, Lisboa, 1993, coloca algumas hipóteses interessantes sobre estas questões.

sistem ao longo das acusações, a verdade é que, a estas, outras vêm acrescentar-se, crescentes no número e na intensidade: uma «puente ardiendo», «medas» e «navajas», «calderas de pez», «agua que herverá» e. para além de outros mimos, modos diabólicos de cozer, assar, fritar e despedaçar carnes<sup>21</sup>.

Quanto mais alto na hierarquia eclesiástica, mais se sofre: o Arcebispo ver-se-á «en cien mil pedaços hecho», o Cardeal acabará «comido de canes y de dragones», ao Papa alguém virá «açotar con vergas de hierro ardiendo, y después atanazar»<sup>22</sup>.

Se não arrepios — atenuá-los-ia o pitoresco das pragas do demo — pelo menos um certo mal estar acabaria por contaminar aqueles selectos convidados do serão real de 1519.

Deixemos, porém, as coisas, as visões e os enviados de outros mundos, para atentar com alguma paciência nos humanos, por muito esquematizados (e algo desumanizados) que nos pareçam.

Entram uns atrás dos outros, sempre pelo lado da embarcação temida, e permanecem em *cena* (estão juntos na oração final) sem nunca entre si dialogarem.

São de alta estirpe mas, ausentes de explicitação os atributos que, nos anos anteriores, ainda que nem sempre com a mesma função, distinguiam o «pueblo grossero» e a «vilanage» e sem nomes de baptismo, como vamos *recuperá-los?*<sup>23</sup>

Como vamos reaver (e rever) a pompa fúnebre das vestes e das marcações, evitando a reprovável tentação de confundir trajés, ornamentos e atitudes, às voltas com o anacronismo e com a semelhança de reacções e objectivos?

Lançar mão de pinturas da época para uma revisão pictórica do luxo, qualidade e diversidade dos tecidos, dos figurinos que seduziam damas e fidalgos, do requinte dos paramentos e complementos dos eclesiásticos talvez ajude a imaginar o conjunto de representantes e espectadores<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup> *Auto da Barca da Glória*, 67, 71, 84 e 89, respectivamente. Não deixa de ser curioso notar que os apontamentos sobre o Inferno são muito mais escassos no *Auto da Barca do inferno* e no *Auto da Barca do Purgatório*,

<sup>22</sup> *Auto da Barca da Glória*, 89, 92 e 96.

<sup>23</sup> *Auto da Barca da Glória*, 64. Relativamente à função dos objectos, convém, talvez, lembrar que ela varia muito ligeiramente de *Barca* para *Barca* ou, se preferirmos, de personagem para personagem, assim, por exemplo, o arado do Lavrador, no *Auto da Barca do Purgatório*, mais remete para a rudeza do trabalho que para uma prática incorrecta da profissão, ao contrário das cartas do Taful.

<sup>24</sup> Para melhor informação, consultar, por exemplo, Dias, Pedro — *História da Arte em Portugal. O Manuelino*. Publicações Alia, Lisboa, 1986. Temos, no entanto, em conta que, no *Auto da Barca da Glória*, não há figuras femininas e que, nos dois anteriores, nenhuma delas é nobre.

O conhecido quadro do Museu de S. Roque inspirado no casamento de D. Manuel e Dona Leonor, por exemplo, pode funcionar como suporte imaginativo: basta completarmos o axadrezado de cores, entre o vermelho e o verde das vestes dos monarcas, o claro e o escuro dos acompanhantes, os *diferentes brancos* de alguns hábitos, com a iniludível riqueza do ouro e das pedras preciosas, o tratamento dos drapeados, a elegância dos cortes que a finura dos materiais permitia <sup>25</sup>.

E retratos de bispos e arcebispos, fidalgos e soberanos, alguns nos legaram os nossos artistas, pelo que um percurso pelos quase sempre vazios museus portugueses nos proporcionará uma ambicionada ancoragem para esta ou outra reconstituição.

Não exageremos, no entanto, no entusiasmo reabilitador da arte de bem parecer desse alto estrato da corte manuelina, ou melhor, não a transpúnhamos em bloco para o nosso auto, como se de um acontecimento apenas festivo nele se tratasse.

Admitamos antes que Gil Vicente seguramente tudo matizou, medindo efeitos e combinando propostas para que o embate com a prosperidade nos não ofuscasse a lição a colher na destruição dos corpos que em todos começava a substituir a antiga robustez: «ya hundiste la figura de mi carne sin ventura», diz o Conde à Morte que, por sua vez, troça daquele Duque «amarillo» (cheio de ouro em vida, e tão pálido quando ela se foi) e ri daquele Emperador que tão «feo» se está tornando; o Bispo teme que os «gusanos» lancem sortes sobre o seu «coraçón» e o Arcebispo lamenta-se da mudança nas «facciones» da «cara» e no «cuerpo tierra hecho» <sup>26</sup>.

Sugestões e cuidados para o desfile, globalmente considerado, a uma primeira aproximação, não esgotam, no entanto, o nosso interesse pela desrinça; já que ela seria forçosa, admitamos, pelo menos, que a registada mitra do Papa não terá sido o único distintivo em *cena*.

Se nos pusermos de acordo com o Padre Mário Martins, concedendo que a ponderação de certas estampas dos Livros de Horas não foi dispicienda para a construção do *Auto da Barca da Glória*, nada temos a temer ao arriscar, como tranquilas hipóteses, espada e globo para o Emperador, coroa real (há outras para os titulares de cargos nobiliárquicos), ceptro e manto de arminho para o Rei, chapeirão de peregrino para o Cardeal, báculo e mitra da praxe para o Bispo e para o Arcebispo <sup>27</sup>.

---

<sup>25</sup> *História da Arte em Portugal. O Manuelino*, 148-149.

<sup>26</sup> *Auto da Barca da Glória*, 66, 71, 80, 83 e 87. Lembremos que, no *Auto da Barca do inferno*, não existem sinais de deterioração dos corpos e que, no *Auto da Barca do Purgatório*, apenas nas falas do Pastor se verificam marcas de unia alteração sensível (a ausência de fome) trazida pela morte.

<sup>27</sup> MARTINS, Mário — *Introdução Histórica à Vidência do Tempo e da Morte*, I, Livraria Cruz, Braga, 1969, 251 e ss.

A *Copilaçam* de 1586 também dá alguns alvitreiros nas gravuras que encabeçam o auto (o traje não mudou muito ao longo do século XVI), mas apenas três comparsas nos são mostrados: um Rei ao centro, de manto amplo ajustado nos ombros por meio de um capelo ornado, coroa real e ceptro sem insígnia distintiva; um Conde, à sua direita, de gibão cintado e de mangas justas, calções tufados, chapins de biqueira curta, chapéu de copa alta com pluma, um tanto ao modo flamengo; um Duque, à esquerda, de capa curta traçada sobre um dos ombros, gorgeira, boina de grande pluma, meias que moldam a perna até acima do joelho, sapatos de biqueira curta e romba, muito à moda quinhentista, e espada à cinta indicando nobreza<sup>28</sup>.

Amontoaria o Emperador sinais de riqueza e sinais de riqueza amontoaria o Papa; mostras de teres e haveres todos dariam sobejamente.

A arte estaria em imprimir significado à menos valia de tudo isto para que a impressão a guardar fosse a de que, afinal, tanta sumptuosidade sarcasticamente disfarçava a decomposição que, aos poucos, ia atingindo cada um dos intervenientes na grande parada da travessia entre os dois mundos.

Luzes e sombras, ao mesmo tempo distintas e ambíguas, arrastadas por uma Morte a que a tradição normalmente associava a imagem descartada do esqueleto, mas que, no auto de 1519, teria de sujeitar-se às exigências de uma representação por actores.

## Uma herança para (bem) gerir

Herdámos um texto e nada mais.

A esse, pouco o mutilou a censura exercida na edição de 1586 (uns escassos versos saídos da boca do Diabo e da boca do Conde que talvez exagerassem nos apetites da luxúria) e nem sequer o antiteatral *Index* de 1624 lhe causou muitos incómodos (corrigiu rubricas, a inicial e a final, e as suas correcções passaram às edições dos séculos XVII e XVIII que conhecemos)<sup>29</sup>.

Afastado dos *palcos* e das leituras encomendadas durante talvez séculos, por imposições de (mau) gosto, Gil Vicente só com os primeiros românticos voltou a marcar encontro.

---

<sup>28</sup> *Auto da Barco da Glória*, entre 84 e 85. Ao Dr. Alberto Júlio Silva agradeço a descrição feita e outros úteis informes prestados, como, por exemplo, o de ser o traje do Duque muito comum nos fidalgos da época, mas não o do Conde. Aliás, este é o traje de nobre que se repete noutras gravuras da *Copilaçam* de 1586.

<sup>29</sup> Nesta perspectiva, é curiosa a consulta do exemplar que se conserva no Convento de Mafra.

Os factos são sobejamente conhecidos: a descoberta em Hamburgo da *Copilaçam* de 1562, o empenhamento de Garrett, os debates em torno da dramaturgia portuguesa, a releitura das obras por escritores e críticos .

Sobre representações, porém, faltam as notícias até 1898, data em que, para comemorar o quarto centenário da descoberta do caminho marítimo para a Índia, se procedeu a um arranjo cénico, para o Teatro Nacional Dona Maria II, do *Auto Pastoril Português*.

Em 1902 vieram as festividades dos quatrocentos anos do teatro português, com récitas solenes no Conservatório, no Dona Maria e no Dona Amélia, pelo menos.

Sobre aplausos, ignoramos quase tudo, mas o pouco que sabemos não nos anima; em 1910 ainda o *Monólogo do Vaqueiro* teve fraca recepção <sup>31</sup>.

Depois, foi a fase activa da campanha vicentina de Afonso Lopes Vieira (1911-1912), com espectáculos e adaptações, entre as quais a reposição *retocada* do *Auto da Barca do Inferno* <sup>32</sup>.

Seguiu este um concorrido percurso, de que nos não vamos ocupar, uma vez que é na *Barca da Glória* que, por hoje, nos propomos viajar.

Mudanças entre o século XVI e este nosso século, houve naturalmente muitas e as regras culturais e linguísticas grande reviravolta levaram.

Um auto escrito em espanhol, por exemplo, perdera as hipóteses de ser apreciado em meios portugueses.

Quando, à frente do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, o Professor Paulo Quintela encenou os *Anfitriões*, de Camões, apercebeu-se de imediato de que as engraçadas falas castelhanas de Sósia e de Mercúrio não eram entendidas pelos espectadores <sup>33</sup>.

Admirador das três *Barcas*, e convicto do seu impacto positivo sobre as plateias, empreendeu esforçadamente a tradução da terceira e fez representar a *Trilogia* em Maio de 1941, primeiro no Teatro Avenida de Coimbra, com palavras prévias de Costa Pimpão, e em seguida no Teatro Nacional de Lisboa, com introdução oral de Afonso Lopes Vieira.

A crítica foi então altamente elogiativa.

---

<sup>30</sup> RODRIGUES, Maria Idalina Resina — *Estudos Ibéricos*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1987, 221-238.

<sup>31</sup> Consultar *Gil Vicente - Quarto Centenário do Teatro Português*, As Três Bibliotecas, Lisboa, 19(12). O jornal *O Dia* de 25 de Novembro de 1910 dá-nos tonta da frieza da plateia nas récitas e o que é mais grave, da ausência da corte no espectáculo de 17 de Fevereiro, talvez o da estreia.

<sup>32</sup> Nesta adaptação suprimem-se as figuras do Judeu e do Procurador, reduz-se a sequência protagonizada pelo Frade, reordena-se o desfile, valorizando a Alcoviteira, troca-se o cantar final por uma recitação e *amacia-se* a linguagem.

<sup>33</sup> Paulo Quintela, edição do *Auto da Embarcação da Glória*, Coimbra Editora, Coimbra, s.d. (tradução anterior em *Biblos*, XVII, tomo I, 1941), LXIII.

Sobre a *Glória*, muito se escreveu, como, por exemplo, isto:

«Este Auto... exigia uma encenação que lhe tirasse a sensaboria das grandes falas e lhe suprisse, nos diálogos, a ausência de vivacidade. Conseguiu-o o Doutor Paulo Quintela que deu mais uma grande prova da sua intuição artística, vencendo as grandes dificuldades do *Auto da Glória* que o público ouviu com interesse até final. E neste facto que está o valor da encenação grandemente valorizada pelas orações ditas em coro falado.»<sup>34</sup>

Se não prima pela compreensão de Gil Vicente, o articulista prima, pelo menos, pela reverência merecida ao Professor de Coimbra.

Segue o batel dos Anjos o seu trajecto, sem grande fôlego, é certo, mas, em todo o caso, com algum aproveitamento até aos anos sessenta: em 1963 e 1965 {novas comemorações vicentinas em curso}, o auto é desempenhado respectivamente pela Companhia de Amélia Rey Colaço — Robles Monteiro e pelo Círculo Cultural do Algarve, sempre como parte de uma *Trilogia*.

Mariana Rey Monteiro teve recentemente a amabilidade de me contar da sua azáfama no papel de Morte, numa temporada (a de 1963) em que, aos sábados, representava três peças diferentes, sendo a do fim de tarde, a das *Barcas*, particularmente destinada a estudantes.

De uma dessas sessões, nos fez este balanço um jornalista do *Diário Popular*:

«Talvez porque a *Barca do Inferno* já esteja muito conhecida, foi para o terceiro auto que as atenções e os aplausos se voltaram. Cumpre registar a transposição para o português deste último auto devida também a Pedro Lemos que afeiçãoou a palavras portuguesas, conservando o espírito original, o texto em castelhano.»<sup>35</sup>

Para uma *Trilogia* endereça também Joly Braga Santos a derradeira *Barca*, numa ópera celebrativa que não teve mais nem menos sucesso que as (não muitas) óperas compostas por portugueses. Sem intervenção de libretista, certamente com alguns cortes, estreou-se ela em 1970, num dos anfiteatros da Fundação Gulbenkian, e foi repetida em S. Carlos, nove anos depois.

---

<sup>34</sup> S., J. — *Diário de Coimbra*, 5 de Abril de 1941.

<sup>35</sup> Artigo de 4 de Dezembro de 1963.

De então para cá, muitas esperanças mas poucos frutos.

Em Espanha, porque em espanhol é falado, o auto aparece, por vezes, em programas escolares, em Portugal, apenas para lembrar que uma terceira *Barca* se juntou às portuguesas que, em 1517 e 1518, respectivamente, rumaram para o Inferno e para o Purgatório (nos títulos, que não nos objetivos, porque o Purgatório fica mesmo ali ao lado da margem do rio).

Ao traduzi-lo, em 1973. Luís Francisco Rebello ainda se atreveu a verter para Português as expressões latinas, para tudo facilitar e contrariar desculpas para o desentendimento <sup>36</sup>.

Mas, para ouvidos moucos...

## **Gostos não se discutem, ares de família, sim**

Proximidade na leitura (1517, 1518, 1519), parentesco temático apoiado na segunda escatologia cristã (o Juízo, mais propriamente o particular), identidade no travejamento (cortejo de personagens perante Anjo e Demónio) são traços de família que ninguém recusa aos três *Autos das Barcas*.

Definitivamente afastado o fantasma de um Gil Vicente amedrontado diante da corte, a enviar para o Paraíso os grandes senhores, depois de aos pequenos o ter regateado, resta, *e bem*, a concordância dos vicentistas quanto a uma razoável conciliação dos pontos de vista em causa: Inferno para os pecadores impenitentes, Purgatório para quem se quedou pelos pecadilhos que a qualquer um podem tentar, Glória para os que souberam arrepender-se a fundo e a fundo empenhar-se no perdão.

O que não impede, *e mal*, que o entusiasmo pelas extraordinárias possibilidades textuais e espectaculares da *Barca do Inferno*, para mais inteiramente composta em Português, frequentemente encaminhe os desprevenidos para a convicção de ser ela a mais reveladora de uma postura vicentina perante estes problemas da vida e da morte, da salvação e da danação.

Que o teatrólogo a prefira, não pode deixar de entender-se, sobretudo se é a animação que o seduz, se é a pluralidade das falas e das fisionomias que o motiva, se é a hipocrisia que ele gosta de desmascarar.

Que o apaixonado pela sátira aos podres dos homens — muda o estatuto social, permanece a corrupção e lá vai para o infernal navio o fidalgo D. Anrique de mãos dadas com o Frade desposado, com o Sapateiro desonesto, com os grandes da justiça e com a Alcoviteira que nem sequer

---

<sup>36</sup> *Os Autos das Barcas*, fixação do texto, notas e tradução do terceiro auto de Luís Francisco Revello, Europa-América, Lisboa, 1973 (4.ª edição de 1982).

devidamente puniram — se entusiasme por esta vassourada crítica, nada temos a opor<sup>37</sup>.

Só discordamos que tudo isto tenha muito a ver com um posicionamento espiritual de base por parte do autor, porque esse, e dentro de instantes passaremos a palavra aos textos que ele mais inequivocamente atravessa, está do lado de um indulgente ajuste de contas, quando, na balança de S. Miguel, se pesarem vícios e virtudes.

Corrigir, emendar, fustigar são deveres de quem na arte tom o seu instrumento de remexer a sociedade.

Mas, para um cristão da têmpera de Gil Vicente, não admira que o mais importante fosse mesmo dar a saber que, quando o mais justo dos juizes tiver de avaliar tanta fraqueza e tanta leviandade, será compassivo, medirá o quanto por nós padeceu, acarinhará boas intenções, mesmo as de última hora, menorizará muitos defeitos<sup>38</sup>.

E fazê-lo da forma certa, com menos brincadeira e mais austeridade, colorindo os matizes líricos e solenizando o gestual.

Pelo que, se estritamente no encaço de miradas sobre os *últimos fins*, nos dispusermos ao confronto entre as lições da *Barca do Inferno* e da *Barca da Glória*, não nos faltará ensejo para admitir que a mais *vicentina* delas, mesmo contrariando usos e dizeres, é realmente a segunda.

Para não pecarmos por imprecisão, acentuemos devidamente que nem se nega a persistência do dramaturgo nas censuras generalizadas ao comportamento humano, nem se esquece que entre estas duas comparadas *Barcas* existe uma terceira, a do *Purgatório*, que ainda só ao de leve referenciámos.

Tudo o que pretendemos é separar águas, o que nada tem a ver com eludir caudais.

A abrangência da sátira morigeradora, apraz-nos até confirmá-la com dois passos de textos que ainda não entraram nem vão entrar nesta conversa e com outros tantos de autos a que mais adiante nos convirá recorrer.

---

<sup>37</sup> Há quem defenda que, independentemente das personagens obrigadas a permanecer na «praia purgatória» (*Copilaçam*, 250), no auto de 1518, também o Parvo da *Barca do Inferno* lerá uma espera na ribeira: esta interpretação, que inegavelmente reforça a amplitude do terna do Juízo na primeira peca, com a partilha das almas pelos três destinos, não me parece, no entanto, incontroversa. O Parvo, julgo, apenas aguarda, por momentos, a chegada dos Cavaleiros. Quanto à violência da sátira, lembro a hipótese de um bom contributo de Gil Vicente para o cumprimento das *Ordenações Manuelinas* {1.ª edição de 1514, logo substituída por outra de 1521) onde, muito particularmente, se tomam medidas para moralizar a justiça.

<sup>38</sup> Esta parece ser a lição do arrependimento e da oração das figuras dos dois últimos autos, como penso vir a esclarecer.

Diz S. José, agastado com a secura dos homens, no *Auto da Mofina Mendes*:

«Senhora, não monta mais  
semear milho nos rios,  
que queremos por sinais  
meter cousas divinais  
nas cabeças dos bugios.»<sup>39</sup>

Clama radiante o Diabo, no *Auto da Feira*:

«Eu bem me posso gavar,  
e cada vez que quiser,  
que na feira onde eu entrar  
sempre tenho que vender,  
e acho quem me comprar.»<sup>40</sup>

Desculpa-se a Alma da alegórica viagem pascal de 1518:

«Faço o que vejo fazer  
pelo mundo.»<sup>41</sup>

Confessa ainda o Diabo, quem sabe se com certa estranheza, na *Barca do Purgatório*:

«Quanto mais se chega a fim  
do mundo, a todo o andar,  
tanto a gente é mais ruim!  
E juro ó corpo de mim  
que já canso de remar.»<sup>42</sup>

Quanto aos méritos, deméritos e ensinamentos do segundo auto das *Barcas*, alguns são circunstanciais no trajecto de Gil Vicente, outros enfeixam em esquemas que reaparecem com certa frequência.

Dum ponto de vista da crença numa zona intermédia, de espera e de esperança antes da salvação, e se exceptuarmos aquela confusão criada ao pobre do Enforcado entre Limoeiro e Purgatório, está praticamente isolado.

---

<sup>39</sup> *Copilaçam*, 121.

<sup>40</sup> *Copilaçam*, 152.

<sup>41</sup> *Auto da Alma*, 62.

<sup>42</sup> *Copilaçam*, 230.

Talvez procure ser refutação bem humorada para as teses de Lutero, entretanto a chegarem a Portugal, ou se constitua como lusitana ajuda para o cumprimento das determinações do Concílio de Latrão <sup>43</sup>; talvez a sua função seja mesmo a de ser uma ponte, cuja falta poderia ser notada ou aceitemos a possibilidade, talvez resulte unicamente de uma urgência de apresentar trabalho num ano em que o *Auto da Alma* fora prioritário e, ousado eu acreditar, a *Glória* estava na mente, aproveitando os trunfos da *Barca do Inferno*,

Talvez tudo isto ou de tudo isto um pouco.

Agora o que a sua muitas vezes citada portugalidade não esconde é um inegável atabalhoamento, no desenho das figuras, pálidas réplicas umas (Regateira vs Alcoviteira. Menino vs Parvo, por exemplo), embaciadas outras (Pastor e Moça, ambos desinteressantes, em meu modo de ajuizar), na (im)pertinência das sentenças, na hesitação do Arrais do Paraíso que sabe e não sabe que destino dar às almas (Marta Dias transforma-o mesmo em aliado), na irregularidade das partes, sem aparente justificação.

Mas o que também os remates de cada segmento (com um protagonista em evidência) não escondem, e a nós muito nos importa que venha bem ao de cima, é a tónica dominante de magnanimidade e complacência no julgamento dos pecadores.

No Natal de 1518, porque «a promessa d'Abraão» ficou «paga» com o nascimento de Cristo, o Diabo terá de reconhecer que o seu barco dificilmente navegará «c'os remos quebrados»: unicamente um Tافل o há-de acompanhar na rota pelos mares do além <sup>44</sup>.

A Páscoa do 1519 reservar-lhe-á a desagradável surpresa de perder todos os passageiros.

E que Cristo já sofreu, morreu e ressuscitou.

\*  
\*   \*   \*

Que acrescentaremos, então, sobre *O Aula da Barca do Inferno*, termo de comparação e contraste neste nosso desejo de embarcar para a *Glória*?

Sobretudo, para pontuar o atrás afirmado, que a filosofia da vida e da morte, que lhe serve de suporte, se não tinha mostrado nem se voltará a mostrar no teatro religioso de Gil Vicente.

Comecemos, se quisermos com os devidos esconjuras, por uma aproximação ao Diabo.

---

<sup>43</sup> Convocado por Júlio II e continuado por Leão X, o V e último Concílio de Latrão reuniu entre 1512 e 1517. Neste mesmo ano, da Lutero a conhecer as suas 95 teses, base indubitável da Reforma protestante.

<sup>44</sup> *Copilaçam*, 233 e 231.

Dele não temos razão de queixa, quando em 1514 (?), na *Exortação da Guerra*, servindo a quem mais pode, nos traz os ilustres mortos encarregados do elogio da régia política de Portugal; e também o não condenaremos pelas actuações submissas que virá a ter noutras peças profanas [*Fadas, Lusitânia e Rubena*], apesar de desdobrado cm vários diabinhos.<sup>45</sup>

Na dramaturgia sacra anterior a 1517, não houvera para ele lugar: nas celebrações de Natal (*Visitação, Reis Magos, Pastoril Castelhana, Fé, Sibila Cassandra* e, talvez, *Mofina Mendes*)<sup>46</sup>, o ambiente de serenidade e adoração mal era quebrado pelas intervenções comicamente ingénuas dos pastores, no *Auto de S. Maninho*, muito seria faltar à verdade histórica (se história houve) aparecer ele a atazanar um santo que, ao que sabemos, nunca foi tentado.

É realmente na *Barca do Inferno* que ele irrompe triunfante e triunfador.

Sendo o seu êxito bem conhecido de todos nós, limitemo-nos a elogiá-lo como um bom oficial do seu ofício, cauteloso nas medidas a tomar para a partida, sabedor de ventos e marés, patrão de barco que domina a aparelhagem, o ajudante e os (forçados) candidatos à viagem; a sua embarcação tem de ser espaçosa «pêra a gente que vinrá» e para a «carrega» a transportar {o «fato» da Alcoviteira era o mais abundante, mas o «bolsão». as «formas», os «feitos» também ocupavam lugar} e, para mais, convenientemente ataviada («Põe bandeiras que é festa»); no Final só lhe escapam o Parvo e os Cavaleiros, pelo que o antevisto sucesso foi quase completo<sup>47</sup>.

Completo, mas de pouca dura, reconhecamos sem timidez.

Porque a verdade e que, de futuro, todas as voltas lhe serão trocadas.

Em 1518, no *Auto da Alma*, Satanás (o tentador, como sempre) morde-se de despeito quando a presa, que julgava assegurada, entra na Igreja para receber conforto e forças; é certo que procura não desanimar mas, ainda que fique à espera da sua saída, a verdade é que a missão lhe saiu furada:

«Ando tão desatinado,  
de enganado,  
que não posso repousar  
que me preste.»<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> Desconhece-se a data de composição do *Auto das Fadas*: a *Comédia da Rubena* é de 1521 e o *Auto da Lusitânia* de 1532.

<sup>46</sup> Admite-se hoje que o *Auto da Mofina Mendes* tenha sido lido em duas representações: 1515 e 1534.

<sup>47</sup> *Auto da Barca do Inferno*, 52, 64, 70, 59, 63, 74 e 53, respectivamente.

<sup>48</sup> *Auto da Alma*, 73.

No Natal do mesmo ano, já suficientemente o comentámos, «o rio s'encaramelou», os defuntos quedam-se pelo Purgatório e apenas do tal reles jogador o Diabo pode dizer que «nosso é»<sup>49</sup>.

O seu papel no *Auto da Barca da Glória* limita-se a confirmar a tendência para a falia de sorte: tal foi a denota, em 1519, que todas as almas lhe fugiram e ele nem se atreveu a protestar; das réplicas finais não consta sequer a sua desapiedada voz.

No entanto, as maiores zombarias em torno da sua incompetência virão alguns anos depois, em textos onde se nos deparam vários e hierarquizados demónios.

Para sua vergonha, adiantemos então alguns versos, respectivamente do *Breve Sumário da História de Deus* (15277) e do *Auto da Cananeia* (Quaresma de 1534):

«Senhor Lúcifer, eu ando doente,  
treme-me a vara, e a barba também,  
e dói-me a cabeça, que tal febre tem,  
que soma são hétigo ordenadamente,  
e doem-me as canelas;  
sai-me quentura por ante as arnelas,  
e segundo me acho, muito mal me sinto;  
e algum grão desaire me pinta o destino.  
Até as minhas unhas estão amarelas,  
que é grão labirinto.»<sup>50</sup>

«E todos, forçosamente,  
fomos lançados dali.  
E assi, supitamente,  
sem vermos nenhua gente,  
nos arrastaram per i.  
Pelejar não no houve i,  
nem chamar «aque d'el Rei»,  
senão esta voz assi:  
*Ite, ite, maiedicti Patris mei!*»<sup>51</sup>

Se nos fixarmos de seguida no mais antigo e aguerrido rival de Satã, o Anjo, lambem acabaremos por reflectir que o auto de 1517 lhe modela

---

<sup>49</sup> *Copilaçam*, 232 e 253.

<sup>50</sup> *Copilaçam*, 312-313.

<sup>51</sup> *Copilaçam*, 346.

um perfil nada comum, de escassa paciência, nenhuma cordialidade e grande inclinação para arrolar faltas.

Menos falador que o adversário, mais discreto e prudente que ele nas tarefas de colheita de almas e sem ter quem o coadjuve, não se cansa, no entanto, de afastar de si os tristes caminheiros:

«Escrito estás no caderno  
das ementas internas.»<sup>52</sup>

ou

«Ora vai lá embarcar,  
não me estês empportunando.»<sup>53</sup>

Em nada semelhante, este Anjo endurecido, ao que, nos autos natalícios, carinhosamente clamava pelos pastores; em nada parecido, e isso não vamos omitir, ao que, no *Auto da Alma*, exortava e arranjava pousada onde «a hóspeda é sem par / em agasalhar / os que vêm atribulados / e chorosos»<sup>54</sup>; em muito divergente do que, alguns meses andados, comovidamente alardeava os privilégios do nascimento do Menino:

«Quem quer ir ò Paraíso?  
À glória, à glória, senhores!  
Oh, que noite pera isso!  
Quão prestes, quão improviso  
sois celestes moradores!»<sup>55</sup>

E naturalmente em tudo ao *invés* da celestial criatura que, dois anos corridos, na *Barca da Glória*, a todos faz caridosas recomendações, com todos ora, por todos receia a condenação que teme:

«Oh, Virgen Nuestra Señora,  
sed vos su socorredora  
en la hora de la muerte.»<sup>56</sup>

«pésanos tales señores  
iren a aquellos ardores  
ánimas tan escogidas.»<sup>57</sup>

---

<sup>52</sup> *Auto da Barca do Inferno*, 65.

<sup>53</sup> *Auto da Barca do Inferno*, 72.

<sup>54</sup> *Auto da Alma*, 67.

<sup>55</sup> *Copilaçam*, 230.

<sup>56</sup> *Auto da Barca da Glória*, 65.

<sup>57</sup> *Auto da Barca da Glória*, 98.

Se os dois velhos opositores assim se transformam de *Barca* para *Barca*, convenhamos, apesar de tudo, que mais o enviado do Céu que o andarilho do Inferno, apenas mais resignado e cortês à medida que o tempo se foi escoando, também o comportamento dos réus substancialmente se altera.

Púnhamos de lado a Alma, com o benefício da dúvida para a sua conversão; se sim ou não a ela se manteve fiel é coisa que, em absoluto, não podemos assegurar.

Nem vamos documentar, por estar cabalmente documentada, a diferença entre aqueles irreflectidos viajantes de 1517 (cogitando no regresso à vida terrena, sem rotina devota que preste, confundindo vícios e virtudes, querendo conservar instrumentos e amantes), os que um ano depois sensatamente beneficiam do nascimento de Cristo (melhor preparados para morrer, conhecedores do valor da boa oração, pensando com carinho nos que no mundo ficaram) e os que, no *Auto da Barca da Glória*, a tudo renunciaram para insistir num patético *mea culpa*, na prece purificada e nos frutos dos merecimentos do Redentor.

Agora do que, de facto, nos não compele abdicar, quando de mortos se trata, é do reforço da convicção de que, no quadrante em que nos situamos, o da recolha de sinais de uma espiritualidade da salvação defendida por Gil Vicente, o *Auto da Barca do Inferno* está rigorosamente sozinho.

Para não prolongar argumentos, e embora sem critérios economicistas, olhemos de relance para as contas: no conjunto dos três autos, salvam-se de imediato quatro Cavaleiros, talvez, um Parvo, um Menino, quatro nobres e quatro altos dignatários da Igreja; esperam salvar-se, e com razão, um Lavrador, uma Regateira, um Pastor e uma Moça; condenam-se um Fidalgo, um Onzeneiro, um Sapateiro, um Frade, uma Alcoviteira, um Judeu, um Enforcado, um Corregedor e um Procurador.

Lição possível: não condescender com os *distráidos*, mas divulgar que o caminho para o Paraíso está de facto bem aberto.

## **Conhecer-se, pedir, confiar**

Ressalvados os sinais de parentesco (e os de não parentesco) com outros autos de outras barcas e de outras navegações, o *Auto da Barca da Glória* deve hoje, pelo enquadramento clara num propósito de convite à salvação dos homens e pelo suporte retórico-estilístico que o sustenta, ser lido como parte de uma *trilogia* pascal, em que é antecedido pelo *Auto da Alma* e completado pelo *Breve Sumário da História de Deus*, não por acaso dois daqueles em que razoavelmente temos atentado.

Não é por coincidência que, em 1518, o Anjo Custódio usa e abusa de recordações e promessas de uma Glória a alcançar para estímulo de uma caminheira desalentada.

Acreditamos, desde a sua primeira réplica, que a Alma foi «esmaltada /' naquela frágoa perfeita / gloriosa», ouvimo-lo repetir que ela foi por Deus «criada / pêra a Glória», que lhe compete esquivar-se de quem à sua «vida gloriosa / porá grossa», que, contornando o pecado, «caminha sem temer nada / pêra a Glória», convertendo as «redes de tristura» em «gloriosas», ouvimo-lo censurá-la quando vai «pêra a Glória / devagar» ou enjeita «a Glória vossa / e pátria vera»<sup>58</sup>.

A entrada na Igreja tem o sabor de um adiantamento; o trajecto prossegue, os diabos espreitam, mas o Anjo não desarma e as forças são outras; são as que a Paixão de Cristo consolidou e a visita ao «pomar / adonde está sepultado / o Redentor» redobrou para (quase) certa vitória<sup>59</sup>.

Adivinhado no «moimento», onde é cantado o «Te Deum laudamus». o Salvador não tardará a ressuscitar para que esta e mais almas melhor o sigam e o Paraíso as receba, em apoteose de felicidade<sup>60</sup>.

Para lá, como é do nosso conhecimento, partiram perdoados os oito ocupantes da *Barca da Glória*, a quem Cristo deu os remos das suas chagas, depois de, ao sentirem-se abandonados, terem feito «ua música a modo de pranto, com grandes admirações de dor»<sup>61</sup>.

Foi aquilo a que os crentes chamam um Juízo particular (*hoje serás comigo no Paraíso*, disse Cristo ao bom ladrão, assim o redimindo de anteriores faltas).

De outra espécie de resgate, recompensa por antigas dores neste mundo e pelo apego à promessa da vinda do Messias, nos porá ao corrente o *Breve Sumário da História de Deus*, por sinal também representado em Almeirim, mas já em tempos de D. João III.

O julgamento tornou-se secundário porque, se exceptuarmos Adão e Eva, e mesmo estes profundamente arrependidos, só de justos nos fala o auto: Abel que canta louvores ao «Deus das alturas», enquanto apascenta as suas ovelhas, Job cuja fé mais não podia ter sido experimentada, patriarcas e profetas «de Lei da Escritura», João Baptista, «santo pregoeiro» da «Lei de Graça»<sup>62</sup>.

---

<sup>58</sup> *Amo da Alma*, 54, 57, 58, 60 e 63, respectivamente. Uniformizo «Glória» com maiúscula, o que, por lapso, não fiz na edição do auto.

<sup>59</sup> *Auto da Alma*, 85.

<sup>60</sup> *Auto da Alma*, 86.

<sup>61</sup> *Auto da Barca da Glória*, 100.

<sup>62</sup> *Copilaçam*, 291 e 302.

Não pecaram, mas o pecado primeiro os obrigou a aguardar, na triste prisão do Limbo, a chegada do Redentor:

«Vozes davan prisioneros,  
luengo tiempo están llorando,  
en triste carcel oscuro  
padeciendo y suspirando,  
con palabras dolorosas  
sus prisiones quebrantando:  
— Qué es de ti, Virgen y Madre,  
que a ti estamos esperando?  
Despierta el Señor del mundo,  
no esternos más penando.»<sup>63</sup>

Nada preocupado, como era seu hábito, com a cronologia ou com a verosimilhança, alonga-se Gil Vicente por um comovente e esclarecido convívio de palavras entre Abraão, Moisés, Isaías e David, em que, nas profecias, enfeixam vestígios de salmos e de antigos clamores.

Antes escutáramos os lamentos dos primeiros habitantes do mundo, os hinos, ora encantatórios, ora entristecidos, de seu filho Abel e o poético relato dos trabalhos de Job.

Depois seria a vez da voz inspirada do Baptista e da descida do próprio Cristo à terra dos homens: para que o Mundo, o Tempo e a Morte lhe prestassem vassalagem: para que os ruins apetites fossem vencidos, para que o sofrimento se impusesse tomo reparador.

Mas sobretudo para que a sua Ressurreição a todos pudesse aproveitar, tal como na *Barca da Glória* aproveitara ao pequeno grupo de suplicantes da beira do cais. Suplicantes muito menos condicionados por uma situação histórica do que aqueles que o dramaturgo pusera em *cena* nas anteriores *Barcas*, mas, ainda assim, não de todo significativos das angústias e da esperança de uma humanidade carenciada de redenção desde o alvor dos séculos.

Incidindo nos que viveram antes de Cristo, o *Breve Sumário da História de Deus* complementa e alarga a grande lição vicentina da Páscoa de 1519, encadeando um *antes* e um *depois* que virão a perfazer o largo circuito dos tempos.

Por isso, a rubrica final deste auto, tal como a da *Glória*, introduzindo uma acção que prolonga as últimas réplicas das figuras, tem, como ela, o

---

<sup>63</sup> *Copillaçam*, 305-306.

travo miraculoso do amor entre Criador e criaturas, mesmo que lhe falte a sedução da surpresa:

«Aqui tocam as trombetas e charamelas, e aparece ua figura de Cristo na Ressurreição e entra no Limbo, e soltará aqueles presos bem-aventurados. E assi acaba o presente auto.»<sup>64</sup>

\*  
\*   \*  
\*

Merece ainda uma tentativa de resposta (ou de mais uma resposta) a grande questão de perceber quem se salva e quem se perde, no entendimento cristão do quinhentista Gil Vicente.

O empolamento da *moralidade* do *Auto da Barca do Inferno* tem demasiadas vezes contribuído para uma equívoca primazia do peso dos actos («ouvir missa, então roubar — / é caminho per'aqui»<sup>65</sup>, afirma convicto o Diabo e ninguém o contradiz) e transformado o autor num útil paladino do lugar cimeiro das obras na salvação.

A *Barca do Purgatório* traz a esta tese alguma inquietação, mas o elogio do trabalho, muito bem marcado nas falas do Lavrador e insinuado nas da Regateira Marta Gil, acaba por facilitar idêntica interpretação.

A perplexidade chega com o auto seguinte, com todos a caminho do Céu, mesmo sem bagagem adequada. Perplexidade que convida ao reforço da tese oposta, a empurrar Gil Vicente para o lado dos encomiastas da fé sem obras.

Pela nossa parte, e reconhecendo o vaivém ideológico de um conjunto de textos, que não pretendem ser tratados de espiritualidade mas peças de teatro, vamos limitar-nos a identificar um perfil possível de eleitos-merecedores (não há necessariamente contradição que escandalize), a partir da convergência dos três autos que de momento vimos combinando.

Diremos então, antes de mais, que se salva quem se despoja dos bens do mundo, quem aprende que eles são *carga* a lançar fora no trajecto para a vida eterna.

É por isso que a Alma põe de parte «o vestido e jóias que lh'o imigo deu», dando «o da terra à terra» para, definitivamente «despejada», melhor receber a protecção da Igreja e prosseguir a caminhada, de pazes feitas com

---

<sup>64</sup> *Copilaçam*, 313.

<sup>65</sup> *Auto da Barca do Inferno*, 64.

o seu Anjo Custódio que sempre criticara o «brial», os «chapins» e o «espelho» oferecidos por Satanás <sup>66</sup>.

É por isso que os autênticos candidatos à *Barca da Glória* prescindem de marcas comprometedoras, de denominações, de laços com parentes e amigos, tristes mas conformados com a fealdade dos corpos apodrecidos.

Tal como o Imperador, todos estão cientes dos enganos e ciladas da vida na terra; com ele poderiam fazer coro nas mágoas e nas promessas:

«Cuán estraños  
males das, vida de engaños,  
corta, ciega, triste, amara!  
Contigo dexo los años,  
entregásteme mis daños  
y bolvisteme la cara.

Mi triunfo alia te queda, mis  
culpas trayo conmigo;  
deshecha tengo la rueda  
de las plumas de oro y seda  
delante mi enemigo.» <sup>67</sup>

É por isso ainda que, com alguma rudeza e muita convicção, o Cristo Redentor da *História de Deus*, antecedido de um Job resignado a perdas e danos mundanais, afastará o Mundo do seu caminho, apesar da amável servidão com que ele o saúda:

«E não quero de ti mais;  
lá, reparte teus cruzados,  
teus impérios e reinados,  
e tuas pompas mortais,  
qu'eu nao quero teus morgados.» <sup>68</sup>

Complementar do menosprezo de quanto ao espírito não toca é o reconhecimento da insuficiência pessoal, do engano de disseminar a vida na base da auto-estima ou mesmo da aceitação acrítica de que *querer* seja *poder*.

Não é, assaz o ensina a *Alma*, que o livre arbítrio seja imprestável ou que o entendimento e a memória sejam de somenos na jornada de retorno

---

<sup>66</sup> *Auto da Alma*, 84, 61, 62 e 65, respectivamente.

<sup>67</sup> *Auto da Barca da Glória*, 69.

<sup>68</sup> *Copilaçam*, 308.

a Deus; sem a sua própria colaboração, o homem está sempre em riscos de desperdiçar ajudas e de perder-se.

Mas o que, sim, se pontua, e muito, nestes textos vicentinos, é a certeza de que o conhecimento próprio desnuda a precariedade dos méritos e motiva uma inadiável dependência do socorro divino.

Dai a alternância continuada de confissões e de apelos, de derrame de censuras e de pedidos de mediação, de esvaziamento interior e de olhares aflitos.

Acolhida na Igreja, a Alma expõe-se e expõe as causas da sua desorientação e da sua entrega, ora responsabilizando-se, ora acenando à misericórdia, ora assumindo-se como «salvagem», «triste, sem ventura», «triste, sem mezinha», ora de olhos postos na «hóspeda senhora» a quem repetidamente solicita compreensão <sup>69</sup>.

Esperando poiso conveniente, assim termina a sua longa e angustiada faia:

«Conheço-me por culpada,  
e digo diante de vós  
minha culpa.  
Senhora, quero pousada:  
dai passada,  
pois que padeceu por nós  
quem nos desculpa.» <sup>70</sup>

O *Auto da Barca da Glória* é, em grande medida, uma devassa de remorsos e fragilidades em que as faltas se não escondem e se faz prova de um completo desvendamento de tropeços e desleixos, embora de ânimo voltado para a tolerância que há-de vir.

As acusações do Diabo, nunca negadas («Eso y más puedes dezir», aceita o Arcebispo) <sup>71</sup>, têm apenas a resposta áspera ao tom e ao aparente alheamento de terem elas sido aligeiradas pelo contributo de Cristo; o Anjo não é aliciado com arremedos de virtude porque cada qual se identifica com a sua trajectória de erros e recuos.

Por seu turno, lições e resposos impetratórios acolhem, a cada momento, restos de um passado que não enobrece; excertos da liturgia, apoio e estímulo para qualquer homem, eles convidam o espectador (ou o leitor) para a participação num confrangedor exame de consciência colec-

---

<sup>69</sup> *Auto da Alma*, 69, 70 e 71.

<sup>70</sup> *Auto da Alma*, 72.

<sup>71</sup> *Auto da Barca da Glória*, 88.

tivo que tanto se vira para más escolhas assumidas como para a bênção de um futuro que as apague.

Assim, por exemplo, não seria impossível que a católica assistência do Almeirim rezasse com o Rei:

«*Taedet anima meã  
vitae meae* muy dolorida,  
pues la gloria que dessea  
me quita que no la vea,  
la muy pecadora vida  
que passe.  
*Locar in amaritudine,*  
palabras muy dolorosas  
de mi alma hablaré  
a mi Dios y le diré,  
con lágrimas piedosas:»<sup>72</sup>

«Oh, mi Dios, *ne recorderis  
peccata mea*, te ruego.  
N'aquel tiempo *dum veneris*,  
cuando el siglo destruyeres,  
con tu gran saña, por fuego.»<sup>73</sup>

A par das imagens amargas do Paraíso perdido, Adão e sobretudo Eva, únicas figuras do *Breve Sumário* com urgência de arrependimento, suportam com melancólica honradez o fardo e as penas da primeira desobediência:

«Oh, como os ramos do nosso pomar ficam cobertos de celestes rosas! Oh, doces verduras, oh fontes graciosas, quem nunca vos vira pêra se lembrar!»<sup>74</sup>

«A dor e tristeza é no meu coração, no meu coração está minha vida. e na minha vida está minha ferida, de que meus cuidados feridos estão.»<sup>75</sup>

---

<sup>71</sup> *Auto da Barca da Glória*, 75-76.

<sup>72</sup> *Auto da Barca da Glória*. 76.

<sup>73</sup> *Copilaçam*, 288.

<sup>74</sup> *Copilaçam*, 288.

Séculos e séculos mais tarde, deixa entender o mesmo auto, dos clamorosos anúncios de S. João, sem dúvida fundamentalmente orientados para desbravar os caminhos do Messias, não se omitem as sugestões para o prévio endireitamento de quem na sua própria maldade se não revê; às «bravas serpentes» e aos «dragos ferozes», ao «lobo poderoso» e à «pomba brava», à «vil raposa» e à «águia real», ele prega incansavelmente «verdade, verdade» e a verdade, sendo Cristo, contraria a opacidade de quantos dele quiserem abeirar-se para amparo e cura <sup>76</sup>.

Livres das teias do mundo e desenganados sobre si mesmos, muito têm ainda os homens de aperfeiçoar-se nas vias da oração, que orar não é só pôr-se de joelhos em tempos de turbação.

Sobre o modo, as funções, a validade e a pertinência do rezar, na dramaturgia vicentina, muito se tem escrito e muito, por certo, ainda se há-de escrever. Aliás, até neste não muito erudito trabalho se tocou ao de leve na matéria e a ela, ao de leve, se regressará para algumas reflexões mais.

Atendendo a que isto de salvar-se ou perder-se alguém não é coisa para menosprezo, vale pelo menos a pena sumariar conclusões credíveis, tomando como ponto de partida os três textos a que nos habituámos.

Rezar, bem pode ser conversar com o Pai, com o Filho e com a Virgem (de santos, pouco se fala e sempre noutras circunstâncias, como rogadores, eles também) directamente ou através das palavras que a sabedoria eclesiástica nos tem legado.

Só isto, que é pouco e muito, ao mesmo tempo.

Receitas decoradas, devoções supersticiosas, balbuceios desvirtuados só muito escassamente servem, pelo que nem a eles se alude nestes autos da Ressurreição em que os esgares satíricos unicamente ao Diabo ficam reservados.

Rezam à boa maneira os Doutores da Igreja e com eles aprende a Alma, reza Abel, adorando e convidando a natureza a adorar o Senhor, reza David, de coração contrito, como é seu costume:

«O sacrifício a Deus mais aceito  
é o espírito mui atribulado,  
e o coração contrito humilhado;  
esta é a oferta e serviço direito.» <sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> *Copilaçam* 302, 303 e 305.

<sup>77</sup> *Copilaçam*, 300. De um David contrito se fala também no *Auto dos Quatro Tempos* anterior a 1521 (*Copilaçam*. 101).

Rezam, oportuna e inoportunamente, espontâneos na articulação dos sentimentos ou vinculados aos ensinamentos da liturgia, os grandes senhores do *Auto da Barca da Glória*, desde cedo alentados pela energia da fé e desde cedo determinados a trazer para o Juízo o penhor da sua reverência a Deus, conforme denúncia da Morte ao Diabo, quando acusada de tardar na sua safra:

«Ya lo hiziera,  
su deuda paga me fuera;  
mas el tiempo le da Dios  
y prezes le dan espera.»<sup>78</sup>

Desnudamento, proclamação de faltas, corações ao alto e, recapitulamos o já dito para novas achegas que cerrem o encadeamento entre os autos, memória agradecida da Paixão.

Sobre a *Barca da Glória*, dissemos da presença latente, senão visualizada, dos passos da via-sacra, aduzindo a conexão das menções nas réplicas das figuras, as didascálias com a incidência respectivamente nas chagas, no crucifixo, no Cristo da Ressurreição, o aprendizado afectivo da doutrina da reparação pela morte do Salvador.

Inútil esmiuçar mais.

Acerca do *Auto da Alma*, bastará fixarmo-nos na refeição servida pela Igreja com a preciosa colaboração de S. Tomás, Santo Ambrósio, S. Jerónimo e particularmente Santo Agostinho; benzida a mesa, apreciam-se as iguarias com serena disponibilidade: diante da Verónica, todos se ajoelham e cantam o *Salve, saneia fácies*, apesar de só de uma introdução se tratar; diante dos açoites, o hino é o *Ave flagellum*, a coroa de espinhos requer o *Ave carona espiniarum*, os cravos são acompanhados do *Dulce lignum, dulcis clavus*, o crucifixo é adorado com o *Domine Jesu Christe* e finalmente «a fruta deste jantar» se irá buscar ao sepulcro redentor<sup>79</sup>.

Solenes e demorados, os cantares comovem e convidam à participação sem se substituírem à necessária valoração de cada troço do caminho para o Calvário.

A Alma mantém-se em geral silenciosa após as explicações dos Doutores e da Igreja, como que meditando na grandeza dos factos que, um

---

<sup>78</sup> *Auto da Barca da Glória*, 64.

<sup>79</sup> *Auto da Alma*, 81, 82, 83 e 85.

por um, lhe vão sendo revelados; ao contemplar, porém, a cruz onde o Senhor expirou, pronuncia, agradecida, as suas últimas palavras:

«Com que forças, com que espírito,  
te darei, triste, louvores,  
que sou nada,  
vendo-te, Deos infinito,  
padecendo tu as dores,  
e eu culpada?»<sup>80</sup>

No auto de 1527(?), Isaías e David, talvez as figuras do Velho Testamento que mais agradam a Gil Vicente, complementam as «belas» novas do nascimento do Messias com «outras tão tristes [...] que já Jeremias fez pranto com elas»; sabem do «sangue» e da cruz, das «mãos e pés mui furados», dos «ossos [...] contados» e das «sortes sobre o seu vestido»<sup>81</sup>.

Em sequência posterior a estas previsões, porém, é o próprio Redentor que, depois de ler preterido favores e agasalho do Mundo («o meu reino não é aqui», dirá)<sup>82</sup>, lhe recomenda atenção aos seus sofrimentos para que deles retire a *mezinha* dos desmandos que permite.

Assim se projecta na figura sangrenta que os «saiões da cidade» pregarão «no madeiro» onde um «espírito cansado» e um «coração finado» se despedirão da vida e submeterão ao enterramento<sup>83</sup>.

\*  
\*   \*  
\*

Sobre os mistérios dolorosos é, aliás, ainda nosso dever sublinhar as suas pegadas nas obras religiosas de Gil Vicente, mesmo que representadas fora do ciclo pascal.

Se, a título de exemplo e para nos não alongarmos, nos ativermos sobretudo aos autos da Natividade anteriores à primeira *Barca*, verificaremos que o enlace entre Encarnação e Redenção é frequente, diferentemente, aliás, do que se passa nas *Églogas* de Juan dei Encina e de Lucas Fernández, com o fecho natural na partida dos pastores para o presépio, por vezes, comentando as profecias do nascimento, mas descuidados de males futuros.

Assim, se, no *Auto Pastoril Castelhana*, nos teremos de contentar com a informação de que o menino «Ya comienza a padecer / dende su niñez

---

<sup>80</sup> *Auto da Alma*, 85.

<sup>81</sup> *Copilaçam*, 300 e 301.

<sup>82</sup> *Copilaçam*, 307.

<sup>83</sup> *Copilaçam*, 308.

bendita», no *Auto dos Reis Magos*, vai o Ermitão mais longe na antevisão de «una cruz en su cimera / por bandera», cruz que reaparece, no *Auto da Fé*, como «preciosa / pêra sempre esclarecida, / pêra os perigos desta vida, / e nau da salvação nossa»<sup>84</sup>.

No entanto, é o *Auto da Sibila Cassandra* (1513) que mais se adentra em notícias de tristezas futuras, nos momentos da grande alegria natalícia.

Da boca de Peresica, uma das sibilas-tias da empertigada pastora com frustradas aspirações a mãe de Jesus e, depois de estarmos inteirados das maravilhosas condições do parto da Virgem, ouvimos os nefastos presságios do sacrifício derradeiro:

«Empero son de dolor:  
que el Señor,  
estando a vezes mamando,  
tal vía de cuando en cuando,  
que no mamava a sabor:  
una cruz le aparecia,  
que él temía,  
y llorava y sospirava.  
La madre lo alagava,  
y no pensava  
los tromientos que él vía.

Y començando a dormir,  
veía venir  
los açotes con denuedo;  
estremecía de miedo.  
Y no puedo  
por ahora más dezir.»<sup>85</sup>

Finalmente, e estamos agora no campo da imagística, recordemos que eram da Ordem de Cristo (a da cruz vermelha em fundo branco) os quatro Cavaleiros que ousadamente fizeram frente àquele Diabo orgulhoso e senhor de si que para o Inferno tanta gente conduziu na primeira das três *Barcas*.

---

<sup>84</sup> *Copilaçam*, 32, 45 e 76. Na *Representación dei Nacimiento de Nuestro Señor* de Gómez Manrique (entre 1467 e 1481), verifica-se já esta tendência para assinalar com as dores da Paixão as novas do Nascimento de Jesus. No entanto, é na iconografia que mais frequentemente encontramos os símbolos do sofrimento integrados em *cenas* de natal.

<sup>85</sup> *Copilaçam*, 62.

## Orações e sabedoria: os equívocos da questão

Regressar ligeiramente atrás para opinar um pouco mais sobre a oração e a sua eficácia, acertos e desacertos dos que a ela se dedicam (ou não) e seu enfeixamento no saber escriturístico é para mim quase uma obrigação, convencida como estou de que importa repensar certas conclusões estereotipadas.

Com demasiada ligeireza se dá por adquirido que Gil Vicente aceita (e até defende) para os simples um reduzido *quantum satis* na compreensão e na entrega às coisas da fé.

Multiplicam-se assim as abonações de ignorância desculpada, de quebras no discurso, de graciosa confusão nas formas de saudar a Deus:

«Dezid todos como yo:  
eñ el mes dei padre,  
eñ el mes del fijo —  
cII otro mes se m'olvidó.»<sup>86</sup>

«Assaz avonda ao pastor  
crer em Deus, e não furta,  
e fazer bem seu lavor,  
e dar graças ao Senhor,  
e fugir de não pecar.»<sup>87</sup>

«Pois não sabemos rezar,  
façamos-lhe ua chacota,  
porque toda a alma devota  
o que tem, isso há-de dar.»<sup>88</sup>

Sentenças deste teor, apesar de muitas vezes nos saltarem aos olhos, carecem, no entanto, de esbatimentos e contrapontos.

Por norma, são desabaços ou justificações dos próprios, aceites, é certo, com benevolência por quem os escuta, mas sem traduzirem qualquer pacto explícito com o desleixo relativamente a preceitos fixados pela tradição eclesial.

Um rapidíssimo percurso pelo *Auto da Barca do Purgatório* pode ajudar-nos a equacionar esta e algumas outras comendas que com ela se pren-

---

<sup>86</sup> *Copilaçam*, 31.

<sup>87</sup> *Copilaçam*, 245.

<sup>88</sup> *Copilaçam*, 141.

dem, quando, desligados de preconceitos bibliográficos, nos fixamos em algumas tensões entre os rudes caminantes e o Anjo, um tanto indeciso este, é verdade, mas de qualquer modo conhecedor do seu papel de mensageiro do Alto.

Se, na conversa com o Lavrador, e sobretudo por pesar e por boas acções que se pergunta, logo de seguida nos revela Marta Gil a eficácia da oração, dela convencendo o barqueiro da Glória, não com atabalhoadas palavras ou com compromissos à toa, mas através de frases, ainda que curtas e singelas, perfeitamente correctas e no correcto sentido.

Ao Pastor indaga o Anjo se sabe o «Crieleisão, / Quirieleisom, Cris-teleisão»<sup>89</sup>, um pouco se acomodando ao engraçado linguajar do interlocutor, mas ciente, e isso é o que interessa, da eficácia dos singelos versículos implorativos, já que o *Kyrie* é um pedido de perdão e de perdão necessitam sempre os homens.

Sobre o desarrazoado da sua resposta, onde cabe a justificação que acima transcrevemos e se misturam troços de rezas vocais, não se pronuncia: diremos até que ele tarda em falar, apenas no final do diálogo decretando a espera «ao longo do rio»<sup>90</sup>.

A atitude repete-se parcialmente na amigável disputa com a Moça; à solidariedade da colagem verbal substitui-se, no entanto, a pseudoidentificação de mentalidades, ou seja, abraça-se de bom grado a ideia de que Deus «era redondo» e de que certo estava quem se «gloriava / em ouvir missa e o ver.»<sup>91</sup>

Abraça-se a sinceridade, não se louva o paradigma: talvez porque se admitem várias maneiras de conhecer a Deus, talvez porque a fase dos recados já passou.

Porta-voz autorizado do pensar cristão (e do de Gil Vicente), o Anjo desta *Barca* não critica quem mal se exprime em matéria de conhecimento religioso, ouve com atenção e bonomia as deturpações textuais, mas em vão nele procuraríamos sinais de incentivo ou sequer de conformismo com a inconsistência da formação doutrinária.

Muito menos perguntador que o Diabo e razoavelmente desinteressado da destrição entre sérias e fictícias matrizes de fé, ele escuta calado as acusações do irrequieto rival quanto ao desrespeito do «*Pater noster* com-

---

<sup>89</sup> *Copilaçam*, 245.

<sup>90</sup> *Copilaçam*, 246

<sup>91</sup> *Copilaçam*, 249. Por muitas vezes se tem chamado a atenção para alusões ao sacramento da Eucaristia, na obra vicentina, e para um certo alheamento relativamente a outros sacramentos, como, por exemplo, a Penitência. Os autos, de que mais directamente nos ocupamos, confirmam essa postura.

prido»<sup>92</sup>, como calado escutara outras parecidas em 1517; só que, do seu silêncio, seria abusivo retirar ilações quanto à concordância com a falta; desculpar, se quisermos, desvalorizar, é diferente de aplaudir e achar que basta.

Avançando, ou tentando avançar, um pouco mais nesta releitura das exigências {ou não} do nosso dramaturgo em assuntos de fidelidade cristã, terá por ventura interesse trazer à colacção algumas preocupações dos primeiros autos natalícios.

Como, por exemplo, a de dramatização de um pastor contemplativo e excelente conhecedor de profecias sobre a Virgem e sobre a estranheza do seu parto no *Auto Pastoril Castelhana*, onde se sumariam os dizeres autorizados de Salomão, Miqueias, Malaquias e outros grandes vultos do Antigo Testamento, de um pastor perante quem os companheiros se curvam, entre surpreendidos e bem dispostos («Gil Terrón Iletrado está!»)<sup>93</sup>.

Como, por exemplo, a de contabilizar o apego dos rústicos ao informe escriturístico, trocando a inicial desconfiança pelo agradecimento ao Ermitão e ao Cavaleiro que os esclarecem, no *Auto dos Reis Magos*, sobre os desvairados factos que vão testemunhando.

Como, por exemplo, a de converter patriarcas, profetas e sibilas ao mundo da pastorícia quinhentista para experimentar o envolvimento com os antigos textos, proclamar a submissão à sua *verdade*, ensinando, comovendo e divertindo para, a contento de todos, nos legar o belíssimo *Auto da Sibila Cassandra*,

Não se discute o lugar das obras na salvação, não se nega a complacência diante de limitações no compreender e no actuar, somente se procura sublinhar que, para Gil Vicente, rezar bem, aceder à doutrina da Igreja e aperfeiçoar heranças culturais sempre balizaram pontos de chegada.

Esta foi, aliás, uma das suas últimas lições, porquanto, no *Auto da Cananeia*, onde não temos labregos mas discípulos de Cristo, tanto se encarece a resistência à queda, como a coragem de reclamar ajuda pessoalizada, como o suporte afectuoso da oração vocal fixada nos Evangelhos (S. Marcos serve de travejamento a grande parte do texto) e vulgarizada pela Igreja:

«Eu vos dei hoje lição  
de como haveis de orar,  
e quando e de que feição,  
e o que haveis de falar  
em vossa santa oração.

---

<sup>92</sup> *Copilaçam*, 243.

<sup>93</sup> *Copilaçam*, 36.

Pois, mais haveis de saber  
(e notai isto de mim)  
que quem a Deus há-de haver  
lhe convém permanecer  
nas virtudes até fim.»<sup>94</sup>

Dito pelo Mestre a S. Pedro, a Santiago, a S. João; dito a cultos e a incultos, através de Gil Vicente, mil e quinhentos anos mais tarde.

## Por fim

Que acrescentaremos ainda sobre pontos de contacto entre autos pascais tão vizinhos nos avisos e no fecho dos conflitos?

E como nos despediremos dos que tanto duvidavam da justeza daquela arrebatadora viagem para o além dos chamados e escolhidos?

Antes de mais, duas ou três palavras para simetrias emparelhadas que não tiveram ainda cabimento ou carecem de reforço: o Diabo é tentador no *Auto da Alma* e no *Breve Sumário da Historiei de Deus*, o Anjo, unicamente no primeiro e na *Barca da Glória*, se assume sem vacilar como adjuvante, a Morte entra em cena neste último e fica para o seguinte.

Depois, o que nos sugere uma breve consideração sobre processos cénicos e textuais evidentes nos três textos?

A dignidade das figuras está fora de causa: garante-a a construção alegorizante da *Alma*, o hieratismo abstracizante dos nobres e do alto clero, a respeitabilidade dos patriarcas e dos profetas; garante-a o claro domínio do seu falar lírico sobre a esporádica inflexão satírica, de andamento lamentativo, umas vezes, penitenciais outras e implorativo frequentemente.

A representação, quando não se processa em ritual como no auto de 1519 ou na segunda parte do anterior, obedece a normas de solenidade e aprimoramento, nos trajes {pensemos nos Doutores, no rei David}, nas atitudes (a celebração na Igreja, a entrada de Cristo no Limbo) e na conversação apurada (patriarcas e profetas. Santo Agostinho, Santo Ambrósio, S. Jerónimo).

Em *cena*, os objectos serão símbolos sagrados, as mais das vezes; de Cristo e de Maria, talvez haja Figurações; a música eleva, não diverte, é entoada por quem conhece o sentido da sua letra e o ascendente do seu ritmo.

---

<sup>94</sup> *Copilaçam*, 348.

De tempos concretos, escasseiam os vestígios: almas em perigo existem desde o pecado de Ova, gente de alto estado em situação de arrependimento, em qualquer época se encontra, as idades contundem-se na familiaridade dos bem-aventurados.

Tudo em escritos particularmente cuidados, no arranjo contratual das partes, na harmonia da linguagem, na escolha do metro e da rima; em escritos que não resultaram de incumbências apressadas ou da oportunidade de preencher vazios; em escritos meditados e para fazer meditar, em escritos que disponibilizam os custos e as vias do regate humano.

\*  
\*   \*  
\*

Apoiada na autoridade da oração e da sabedoria e magnificamente filtrada pela qualidade majestática do substrato poético, a generosidade (e não nos desdizemos relativamente à importância do procedimento final dos réus) da partida de tantos pecadores para o Paraíso perde necessariamente o condão de incomodar os leitores do *Auto da Barca da Glória*.

Reconheçamos que eles souberam pôr a render os dotes com que, sem dúvida, foram distinguidos, se não através de uma vida virtuosa, pelo menos na procura das vias que a podem, às vezes, substituir: reconheçamos que usam de respostas amadurecidas, de procedimentos compatíveis com a função honorífica de que foram investidos; reconheçamos que uma encenação meditada é capaz de muito conseguir para teatralmente iluminar a única situação limite da passagem dos humanos por esta terra de passagem.

Espera-os o Diabo, trá-los a Morte e eles comparecem conscientes e dispostos ao bom combate.

Chega o Conde e chegam os que após ele vêm; invocam a «esperança» e a «fe»<sup>95</sup>, atendem com comedimento às críticas e rezam. Rezam as orações certas, as que a vivência em comunidade eclesial lhes ensinou e o que nos livros sagrados aprenderam.

Estão à-vontade no Antigo Testamento (o contacto com Job ultrapassa a lição do Ofício de Defuntos), como estavam muitas das figuras dos primeiros autos vicentinos, testemunham o que os Evangelhos narram dos tempos públicos de Cristo, à Alma havia sido parafraseado e renovado seria no *Breve Sumário* e na *Cananeia* (o trajecto de aproximação ao Novo Testamento é claro no autor, a lei da Graça, insinuada nos textos do Natal.

---

<sup>95</sup> *Auto da Barca da Glória*, 68.

cada vez mais se toma vigilante) e acorrem afincadamente à liturgia (as suas glosas são mostras de familiaridade, não deturpações grosseiras ou involuntárias).

Expectantes da indulgência, forçam sem desfalecimentos a piedade, no seu modo de agir resumindo aquilo que, amortecida a sátira de intuito social, Gil Vicente nos quis realmente dizer sobre os *últimos fins*: grande, muito grande, é o número dos que se salvam.

«Assentados de joelhos»<sup>96</sup>, imploram o Papa e o Emperador, o Rei e o Cardeal, o Duque e o Arcebispo, o Conde e o Bispo; com eles e por eles aleitada, pode a humanidade inteira implorar e alcançar a mercê derradeira.

«e veio Cristo da Ressurreição...»<sup>97</sup>.

Assim se cumpre o quarto novíssimo.

O da alegria que não muda. o da ventura de que é bom partilhar.

---

<sup>96</sup> *Auto da Barca da Glória*, 98.

<sup>97</sup> *Auto da Barca da Glória*, 100.